

BOWING 2021

Alix Sarrouy – Notas do caderno de campo (privado)

Carxs amigxs,

Partilho algumas notas recolhidas durante a observação do vosso trabalho no projeto Bowling, entre setembro e novembro de 2022. Devem ter reparado que passei bastante tempo sentado, de caderno na mão, a anotar o que via e ouvia. Em ciências sociais chama-se a isto – observação etnográfica –, e é um dos métodos de investigação em socio-antropologia qualitativa, a ser complementado por entrevistas e *focus-groups*. A observação etnográfica começa logo desde o início da investigação e pode ser contínua. Dou-lhe muita importância porque, mais do que trazer respostas, é um método que permite levantar boas questões, aquelas que surgem diretamente do “chão”, ou seja, das ações e interações sociais criadas pelos seres humanos numa dada situação.

Neste caso específico não pude acompanhar-vos diariamente durante toda a fase de criação do Bowling. Isso seria algo de mais correto para complexificar ainda mais a análise. Devido a limitações de agenda, apenas pude acompanhar-vos em momentos específicos e espalhados entre si. A este tipo de etnografia gosto de chamar *diagrafia*.

A ideia nas *diagrafias* é fazer etnografia de um dia específico, a situar no tempo e no espaço. O resultado formal deve ter um texto no qual se transcreve tudo o que se anotou no caderno, junto com gravações de som ambiente. A transcrição das notas etnográficas quer-se o mais próximo possível do original, ou seja, com poucas correções formais e factuais. Um dos intuitos é apenas de revelar um olhar etnográfico sobre as ações sociais durante um dia, sem que haja comentários ou aprofundamentos analítico-teóricos. É a revelação da forma mais crua de observações etnográficas, deixando aos leitores a liberdade de interpretar, de querer analisar e questionar.

A nível do método e da forma, as *diagrafias* estão próximas do que é feito em etnografia com “descrição densa” (Geertz, 1973), mas também dos documentários de Wiseman, Rouch ou Depardon, e da mais recente escrita da antropóloga Françoise Héritier (2012, 2017). O resultado não tem qualquer pretensão literária, embora nele se revele uma estética muito própria à escrita de notas curtas sobre interações sociais e sobre os contextos nas quais se realizam.

Neste caso uso várias línguas de escrita, há abreviações, comentários pessoais, lembretes sobre coisas que deverei pensar mais adiante...enfim, partilho algo de privado. Nunca divulguei este tipo de notas a ninguém desde que sou sociólogo. São uma matéria-prima de base, ainda muito virgem e parcial, mas que junto com todo o resto que foi recolhido (entrevistas, *focus-groups*, sons, fotografias, filmagens, análise dos media, a literatura científica sobre o tema, etc.), me permitirão escrever artigos e livros, tentando fazer avançar os debates e os conhecimentos sobre um dado tema.

Se partilho isto agora, é porque este olhar de fora pode contribuir para reviverem algumas das etapas da criação do Bowling, trazendo à tona uma análise crítica e construtiva sobre o vosso trabalho, e o meu também! E isto também poderá servir ao filme do Pavel.

4 de setembro 2021 –Escola de S. Teotónio

Fomos até à escola de S. Teotónio, onde acontecerá o workshop

- – Ajuda a carregar e montar material
- – Preparação da sala
- – Vão chegando as pessoas e testam-se à entrada.
- – As pessoas formam pequenos grupos e vão-se conhecendo
- – Conversa entre Maria Torres e Madalena Vitorino (MV) sobre o que vai fazer. “Pensei em...o mais difícil é...”
- – Muitos ajudam o Júnior a trazer o seu material.
- – Alguns corpos testados vão aquecendo na sala, nomeadamente Maria Torres, a primeira.
- – A questão de guardar ou não a máscara.
- – Cada vez mais corpos no chão.
- – MV também é testada lá fora. É um primeiro contacto com algumas das intervenientes. Partilha de momentos de zangaratoa no nariz.
- – Depois disso MV pega na vassoura e limpa a entrada.
- – Há testes que são efetuados pela produtora. Assiste e segura a cabeça das pessoas com a mão esquerda.
- – Alguns estão cá dentro e não têm máscara.
- – “Com a máscara fica difícil, digo várias vezes olá à mesma pessoa”, afirma MV
- – Júnior vai montando.

11h – Vamos começar!

- – Decidem que cada pessoa guarda a máscara se quiser.
- – MV apresenta o projecto Bowling e a proposta para o dia.
- – Bailarinas começam a expressar o seu aquecimento: bocejando, soprando...
- – MV começa a lembrar-se dos nomes e a situar as pessoas.
- – Catarina Barata vem ter comigo para apresentar-se e falar rapidamente sobre o seu trabalho e o tema da violência obstétrica.
- – MV explica: Bowling é uma figura de dança, nomeadamente desenvolvida por Merce Cunningham. Dança no abstracionismo moderno. Também é um cumprimento asiático. Coreografar o corpo social. Arte de mostrar outro aspeto da vida.
- – A música do Júnior virá do mundo inteiro.
- – MV: “Não pensar que Chineses são os outros porque se olharem para a vossa roupa...”, risos.
- – “O meu sentido é o sentido que encontro na relação com os outros.” MV
- – MV fala da sua doença e diz que a coloca num ponto interessante de atenção ao outro, aos outros doentes deste mundo.
- – Mediação entre pessoas das artes – “Este projeto artístico serve para mudar o ponto de vista.” “Trabalhar até ao meu último dia será o meu contributo.” “O erro e a falha interessam-me, estão cheios de humanidade.” MV

- – Apresentação de Maria Ramos que vai começar a liderar o workshop – visa abrir e revelar os corpos para que MV possa observá-los em ação. “Não estou a avaliar- vos, estou a conhecer-vos!” MV
- – Maria Ramos: ver a cara, começar na vertical, refrescar os lábios.
- – Júnior observa e toca.
- – Transferência de peso, soltar as mãos.
- – As pessoas que se querem mostrar a MV e Giacomo estão sempre à sua frente. Outras escondem-se lá ao fundo. Tudo isto altera-se ligeiramente ao longo do dia.
- – MV está sentada à mesa, descalça, de caderno aberto, tem a máscara. De caneta na mão direita acompanha o movimento de cada pessoa mexendo os seus ombros e a cabeça, criando linhas circulares e verticais.
- – Júnior reage a tudo. Baixa volume quando lhe é pedido. Maria Ramos agradece sempre e valoriza.
- – Maria Ramos diz que trabalha de forma contínua. Nunca parar, circular tb.
- – Intensifica.
- – Chega Giacomo.
- – MV levanta-se e vai ter com pessoas para perguntar o nome.
- – “*We are always in love with the ground.*” Diz Maria Ramos a apontar para a as ancas e fletindo os joelhos.
- – Júnior tem o duplo papel de observação (como eu e a MV) e de interpretação/proposta daquilo que observa. Recebe e dá. Interpreta e propõe musicalmente.
- – “Vamos abrir mais o ângulo dos pés”, diz Maria Ramos. Como nas artes marciais. Permite baixar o quadril tb.
- – “5, 6, 7, 8, *juicy, juicy!*”, diz Maria Ramos
- – Embora sentada, MV continua a reagir ao movimento das pessoas com a cabeça, como se tivesse a querer ajudar ao longe ou como se já soubesse que movimento vão fazer...
- – Pessoas de trás são convidadas a vir para a frente.
- – Maria Ramos impressiona-me.
- – “O mesmo, mas mais picadinho!”, diz Maria Ramos
- – “Vamos beber água e a seguir chateio-vos com mais qq coisa!”, diz Maria Ramos
- – São propostos exercícios mais difíceis, com esquemas.
- – Trabalho a 3 e a 2. Pessoal faz perguntas e é interrompido pela Maria Ramos: “*Now I don’t want more questions!*”
- **Júnior é convidado a entrar no workshop e a gerir o grupo:**

Almoço!

- Feito por 5 jovens: Laxmi, Saimon, Sujan, Apekshya
- Tem momos, molhos, fruta, pão, queijos, chamuças...

2h30 – Recomeço do workshop

Tudo sentado no chão

– MV: “A ideia de citação nas artes de hoje como sendo algo de mais importante que a invenção”. Nos exercícios que vai propor há citações de outros coreógrafos. Caso de Ana Rita Teodoro (observação de vegetais, folhas secas, como sendo algo com um valor inestimável).

– Lá fora estão os jovens nepaleses a jogar badminton.

- – Maria Ramos, que terminou a sua sessão, junta-se e escolhe um caderno que vai descobrindo. Enquanto folheia tem a cabeça inclinada e sorri. Está sentada no chão, de pernas esticadas e cruzadas. Mudou de roupa.
- – Uma bailarina escreve enquanto a outra mão está toda contorcida, de baixo para cima, para poder fazer festas no cimo das costas.
- – Chão cheio de corpos. Perto do centro estão cadernos sozinhos. As duas gavetas têm restos de folhas.
- – MV inclui os nepaleses e dá-lhes cadernos. Sempre atenta e a incluir esta juventude.
- – MV está de pé, parada, parece estar a pensar concentradamente. Ao final do raciocínio abana a cabeça em sinal de acordo, resolvida consigo mesma.

Matilde propõe outro exercício

- – Colecionar palavras e frases. Voltar a ver o caderno e preenchê-lo com elas. Palimpsesto. Pode ser mais enciclopédico ou mais António Poppe.
- – Enquanto escrevem já há duas espargatas!
- – Júnior usa pau da chuva.
- – Maria Ramos a folhear Poppe com elegância.
- – “Temos algo a fazer. Ponham-se em ação. Façam e depois pensam.” MV
- – As posições de escrita no chão, fazem com que haja muitos decotes à vista.
- – “Oçam o som da vossa escrita.” MV
- – MV pede a Laxmi para mostrar o desenho que fez de uma das bailarinas enquanto escrevia no chão. Era a Janice. Todos aplaudiram.

Pavel mostra vídeo

- – Vídeo em díptico. Fornos = Sergey Loznidsa. Fila = Francis Allys (Filme A fé move montanhas).
- – Depois Sebastião Salgado.
- – Pelo meio há um rápido debate sobre a estetização do sofrimento.
- – “Olhar com olhos de coreografo.” MV
- – Escolher tarefas diárias, mas reinterpretando em dança.
- – Tarefas, corpos, coleção delas, sequencia de dança.
- – Giacomo levanta-se e vai esfregar o chão com esfregona para limpar a água que se espalhou.
- – Pavel que está a filmar o dia, anda atento à luz e controla as persianas das janelas.
- – Citação de Marta Carreiras.
- – Exercício em fila e seguir vocabulário proposto. Semicírculo. Seguir!
- – “Tudo requer um método e atenção. Cavar requer método, observação atenta e concentração.”

- – “Quando espero que aconteça é porque já deveria tê-lo feito” MV
- – “Quando fico à espera é porque já deveria ter feito” MV
- – Exercício em torno da Mãe = “A primeira Terra” Gestos da mãe. Deixar vir uma memória em rabisco, assim de leve (como desenham os bebês).
- – Solos partindo do caderno, das leituras, gesto, entrada, saída.
- – Música entre Júnior, cello e acordeão. Difícil. Não são muito boas.
- – Cena gerida por MV. Junta-se badminton. MV vai experimentando e observando de longe. + vozes + 2 badminton. Ao fundo está o jovem nepalês a filmar com o telemóvel os amigos que jogam.
- – Há uma subida final de energia: juntam-se à volta dos músicos; solos; Júnior no *cajon* para puxar; microsolos de acordeão e cello.
- – Pavel, Mat e Inês: papel, tesoura, pedra. Risos.
- – Final. Arrumações, ajudas...

Ida ao Quintalão para entrevistas individuais Questões:

- – O lugar mais pobre que viste até agora?
- – Quem são as pessoas invisíveis?
- – Entre arte e política?
- – Como te sentes agora?
- – Se não estivesses aqui estarias...?

João

- – De S. Teotónio
- – A avó tem preconceito contra os estrangeiros, mas dá-se bem. Vêm entregar-lhe fruta.
- – As pessoas daqui dizem “Essa gente...”
- – “Pessoas mais velhas que não têm estímulos para pensar de outra forma.”
- – Muito consciente, motivado, mas “com medo”.

Andreia

- – “Em Angola vi meninos homens.”
- – “Sou mãe solteira.”

Manuel

- – 17 anos
- – “A voz do cidadão deve ir além da cruz”

18 de setembro – Ensaio na J.F. de São Teotónio

- – 14h30 - Encontro no café da praça de S. Teotónio (Barbara, namorado, Inês, Matilde, Pavel, eu)
- – 15h, sala da JF S. Teotónio

- – Arrumação e preparação da sala.
- – MV dirige reunião: (Barbara, Francisca, Júnior, Inês, Matilde, Pavel, Andreia, Manel)
- – Criar espaços para que se contem coisas:
- – Momento de maior risco na vida? / um sonho ou pesadelo que se tenha recorrentemente (ter sempre um na manga para contar)? / a palavra mais importante para ti?
- – Ter sempre uma resposta nossa a dar a cada questão, isso serve para criar confiança, lançar a conversa, funcionar em esquema de empatia e de troca (enviar- lhes a “troca” de Marcel Mauss)
- – Explicar que vão entrar num projeto cultural.
- – Projeto em que a relação humana é o que há de mais importante, “é a coisa!”.
- – Ver que tipo e que formas de relação humana são criadas: individual/coletiva/whatsapp/engate (sou casada!)
- – “Se precisarem da minha ajuda eu imponho respeito!”, diz MV
- – Chegam mais dois dos intervenientes: Manel e Francisca.
- – Hoje vem a população, mas não sabemos quem. Pode vir muita gente como tb pode não vir ninguém. (1o dia de apresentação do projeto aos migrantes do Nepal, Bangladesh, India...).
- – É levantada a questão dos cheiros dos corpos e da eventual falta de banhos. Ter as janelas abertas. Olfato é um sentido sensível. Somos o que comemos. Pensar em como vivemos o nosso corpo.
- – Às 20h haverá acolhimento das pessoas. Haverá uma espécie de *welcoming desk*. Temos de estar prontos a falar de nós.
- – A MV apresentará o projeto. E logo se põe tudo a trabalhar.
- – MV pede para se pensar nisto:
- – O nosso grupo tem de ser disseminado pela multidão.
- – Cuidado para não se ficar apenas a fazer o que há a fazer. Manter-se atenta aos outros. Frentes de *embrassing*. Mas vai acontecer, vão-se esquecer dos outros. Os profs têm mais facilidade nisto.
- – Procurar incluir e criar segurança. Estar sempre incluindo e dentro. Não esperar.
- – MV fala dos exercícios a propor:
- – Andar (caminhar é a sua vida) – em par ou em grupo.
- – Júnior já foi buscar material pq a ideia principal é a “citação”.
- – Quando apresentam o projeto têm de dizer “*cultural program*”, pq pela experiência de MV é mais claro. (em vez de *choreography*, ou *dance*).
- – “Pôr a arte contemporânea nas mãos de pessoas que não estão habituadas a fazê- lo”. “Elas agarram muito, mas isto é outro agarrar”. MV
- – MV: “Ser simples é o mais difícil.
- – As pessoas trazem a sua inteligência.
- – Não é evidente.
- – Não ficar na zona fácil.
- – Não queremos a dança tradicional do Punjab, mas tb não queremos o pós-moderno.
- – Queremos valorizar o Oriente que não é valorizado no Ocidente. Queremos assumir essa vizinhança, aqui vivida em S. Teotónio.”
- – A parte final será a cargo do Júnior.
- – Teve ajuda do Pramin da Sumerberry, nomeadamente nos fonemas. O coro

cantará em hindi e em nepalês. “Na verdade, o workshop vai ser para nós!”, diz o Júnior, sorrindo. – Rajendra vai trazer karaoke. – Atenção, diz MV: “guardar as coisas de valor, há sempre uns curiosos”. – Ideia de falar a partir do balcão, se houver muita gente. – MV: “A entrada nesta sala é um ato importante. Tem de ser consciente e saber para o que vêm: compromisso; ser claro; que se mude o espírito.”

- – MV vai buscar a jovem Catarina aos autocarros (45m daqui)

Aquecimento liderado por Inês

- – Música de Júnior
 - – Visionamento no computador da sequência a aprender. (Hofesh)
 - – Citam-se várias partes de uma coreografia. Contagem em 8.
 - – Alguns estão de ténis, outros de meias.
 - – Alguns vestidos para dançar, outros não (Manel).
 - – Visionamento de outra sequência.
 - – Júnior já está a criar na *loopstation*.
 - – As transferências de peso são difíceis para quem não faz dança.
 - – Rever tudo lentamente.
 - – Esquerda, passo, passo, direita, *shake*, esquerda, diagonal.
 - – “Esquema simplificado para “o povo”” = Pavel (risos).
- – “Tá Manel!?”, “Tá!”, com o entusiasmo dos 17 anos.
 - – “Passo lateral, para conseguir dar a volta, e passa a perna esquerda para a frente.”, explica Inês.
 - – Inês exemplifica sempre com um sorriso e há humor tb.
 - – Fazemos um *break*, sim!?
 - – Está tudo ao fundo da sala. Bebe-se água. Pavel corta melancia. Cada um vai revendo a coreografia sozinho, e depois em grupo, com a ajuda da Inês.
 - – Exercício de ir ao chão e ter atenção a como se levanta. Descrição de todos os passos (etapas) da queda por parte de Inês. Vamos ensinar a cair, diz Inês. Caiam para onde vos dá mais jeito.
 - – Manel traz humor com as suas questões. Ele levanta os polegares quando percebe algo. E sorri.
 - – O falhanço faz rir, une, há ataques de riso.
 - – Inês pede a Júnior para reduzir a velocidade da música. “Se calhar terei de refazer” diz J.
 - – Grupo descansa e fala no chão.
 - – Alguns comem um pouco.
 - – Chega a Catarina, namorada do Manel.
 - – Volta MV (1h30 de estrada, “se não for eu”, diz-me ela)
 - – Tudo a comer melancia.

Recomeça com MV

- – Citação: “recuperar matéria que está no mundo e nós fazemos uma recolocação. Por via de algumas transformações, um vestido de noite, torna-se vestido de gala.”
- – Apropriar – levar a zonas diferentes

- – Mostram a primeira sequência do círculo à MV.
- – MV intervém.
- – Três direções up ↑, de lado → (*picking* – precisa de mais torção), ↓ para baixo (monstro – tem de ser mais profundo). Definir muito bem cada sentido, cada tarefa.
- – “O gesto não é abandonado, é solto.” MV
- – “O movimento não acaba na ponta dos dedos.” MV
- – “Estar sempre atento e alerta quando fazemos as coisas”, “Estar lá”, diz MV.
- – MV - “*The currency is the gift*” – *Solidarity* (tenho de lhes mostrar autores das ciências sociais como, Mauss + Strauss + Agier)
- – MV revê tudo e exemplifica. Insiste na questão de “levar a sério”, com significados, contrastes, cada parte do esquema.

Exercício de início:

- 1) Um caminha, outro vem atrás e põe-se à frente dizendo *Hello!*, mas o primeiro não responde e continua a avançar de olhos fixos para a frente.
 - 2) Mesma marcha, mas desta vez põe-se à frente e faz uma saudação, que tb não é correspondido. (não fazer a saudação previsível, inventar...)
 - 3) Caminhar ao lado, estar atento ao outro. “Ser fiel à qualidade do movimento do outro” MV
- – Ter 4 pessoas juntas a caminhar em linha. Quem lidera? Mas sem olhar para o lado. “Demorem o vosso tempo, demoramos tempo para ler o outro”. MV
 - – Há um ponto em que se fixa o olhar e a partir do qual temos mais visão dos outros à nossa volta.
 - – “É bom ser mais rigoroso!” MV
 - – “Não se esqueçam que podem andar para trás!” MV

Tenta-se a letra e música de Júnior:

- – Namaste (olá)
- – Tchelo (vem)
- – Tchaalde em (*let's go*)
- – Primeiro a métrica e depois a melodia.
- – Amari
- – Deerti (gutural, com a goela)
- – Pohomi Deké
- – (júnior imita muito bem!)

Preparação da sala, das mesas e teste de música. --

À noite para ensaio na Freguesia

- – Fomos buscar as pessoas para virem ao encontro das 20h às 22h
- – Logística dos carros e das quantidades
- – Fui buscar dois do Bangladesh. Tímidos, mas dei o telemóvel a um deles para que use o Spotify e ponha música.
- – Chegamos a ST, fui buscar a minha comida embalada (momos e arroz)

- – Encontro na praça.
- – Fomos até à Junta.
- – Vieram cerca de 50 pessoas: Punjab, Nepal, Bangla, Sikhs...
- – Foi difícil e a maionese não pegou.
- – Mas houve boas trocas e cada cultura teve a oportunidade de mostrar a suas dança e música.
- – Alguns bêbados.
- – Famílias com filhos pequenos.

Coisas que devo ver/rever:

- Esta ideia de troca entre culturas, entre pessoas. Ter sempre um sonho ou uma palavra para contar. Investigar de novo sobre a troca de Mauss et al, + no mundo da etnopsicoterapia (Nathan). MV - “The currency is the gift” – Solidarity (Mauss and Strauss + Agier)
- Entre andar e caminhar, existe uma diferença para os bailarinos? Perguntar a MV.
- Coreografo israelita Ohad Naharin no Betsheva Dance Company (fundada pela Martha Graham)
- ST Allstars - <https://www.youtube.com/watch?v=NkfqkEEth9A>

10 de outubro – Ensaios na J.F. de São Teotónio

- – Logística dos transportes. Vai haver carreiras da câmara que deixam os alunos nas principais paragens de cada aldeia. Os pais terão de vir buscá-los e têm de ter autorização. S. Miguel, S. Luis, Cercal... A exaustiva logística. Pensar: *Lost in translation. Lost in accoustics. Lost in multi-cultures.*
- – Inês conhece os nomes de todas as crianças e de alguns pais também. Sabe onde moram e descreve os lugares para lá chegar. Enquanto Inês explica as novas condições, está tudo em círculo, de máscara, atentos, mas a brincar.
- – If I put myself in the position of the actors/kids/participants of Bowling:
 - Occupation
 - No knowledge of the full show
 - Personal issues over collective mission
 - Pressure from the friends
 - Bullying from adults (cast and family stories)
 - 2 months of rehearsal, 15 days of real rehearsals, 3 days of show
 - Dressing issues/choices
- – English is the common language between kids. Then hindi and nepali.
- – Experimentação do guarda-roupa com Marta Coutinho (produtora, animadora, bailarina). Só se houver! Marta levanta voz quando sente necessidade. Ouçam, silencio! Roupa tradicional mais casaco.
- – Inês não para de gerir logística, de ligar, vai com Vasco tratar de assunto, vai buscar José...

- – Marta organiza e explica lanche: pão, bolachas, sumos. Tudo dividido em sacos. 90 carcaças, permitiu criar laços com Intermarché!
- – As controvérsias com os sikhs, e a estupidez humana face às crianças põem em causa o nosso próprio “orientalismo” e as imagens dos magníficos livros sobre a Índia e o Rajastan. Pensar: há razões para que tenha acontecido este triste episódio: histórias entre famílias cá em PT; castas; relação com as crianças e as mulheres na Índia; a liberdade dos homens aqui e a sua animalização no trabalho; a cultura da violação na Índia; o álcool em PT; a incompreensão do que aqui se passa.
- – Chegam as bailarinas do espetáculo, já conhecem as crianças, saúdam com carinho e abraços.
- – Lanche para todos: pequenos grupos criados, mãos dadas, jornalista entrevista jovem gravando com telemóvel (Pedro Lemos: Sul Informação - <https://www.sulinformacao.pt/2021/11/bowing-um-espetaculo-para-que-s-teotonio-acolha-migrantes-asiaticos-de-coracao-aberto/>)
- – Marta explica novamente: comida, roupa (cada um com a sua cadeira), MV complementa.
- – Maquilhagem nas casas de banho. Foram melhorando ao longo dos 3 dias, as meninas estão cada vez mais *coquettes*, beleza, cuidado de si face ao outro.

11 de novembro (quinta-feira) – Ensaio geral e de figurinos

- – Meditation Time – young leader, Meet. (inspirar, expirar; fechar olhos; pensar numa coisa como o amor e repetir palavra, 75% ooooooh, 25% mmmmm; abrir olhos lentamente)
- – Jovens sikhs com bicicletas à volta
- – Na Freguesia, MV mostra mapa do espetáculo e fala com os jovens participantes:
 - You know how to make a performance;
 - You think;
 - You draw;
 - You make;
 - And you made it!
- – Também anuncia que Bowing will continue in January. Wow, gritos de felicidade. Gritam Bowing, bowing, bowing! Há as primeiras lágrimas.
- – Muito dar, muita emoção, muitos *attachements* reforçados quotidianamente. (Pensar: a arte aqui é um pretexto...). Riscos de poder rasgar ou criar fricções; há também gente que se perde neste percurso ou mais à frente; por outro lado há laços que se criam entre duas pessoas, entre grupos de pertença e também entre todos. Rever as fotos coletivas.
- – Chegam os homens e MV trata deles. Roupa e ensina técnica de iluminação.
- – Daniel está em constante performance. (o resultado final e a sua evolução são muito interessantes porque não se desistiu dele)

Notas soltas: Incompreensão

- – Bangla, meio bruto. Menos atencioso e explicativo que o Daniel chinês.
- – Laxmi faz muito bem a iluminação. Atenta, sensível, observa tudo...

Detalhes/info

- – Turbant = *Pag*
- – Nepalese hat = *Tager dupir*

Para reflexão

- – Rajendra from Nepal, belongs to the highest cast, e no entanto... think
- – Team – gestão entre criação/ação/logística; + gestão física, alimentar, concentração...ainda mais com crianças. → Mas, simultaneamente, o que isso permite!? → + ligação humana, + proximidade → reforça a emotividade para as crianças (há factores positivos e negativos nestes métodos da MV)
- – Tudo se percebe nos olhares e nos tons de voz dos que observo.
- – Uso da casa do medronho por sikhs, turbantes e música electro-oriental.
- – Apropriar-se da arquitetura de São Teotónio. Ruas estreitas, iluminação, chão furado, labirinto....
- – Marta Coutinho falou-me da sua experiência de 4 anos no Bairro 6 de Maio, na Amadora, num centro gerido por freiras, mas muito aberto e inclusivo: <https://helpimages.org/documentario-o-nosso-bairro/?fbclid=IwAR1gz-bv2A18rWWZezZDCo4qucMeN0Ckzlh4siIKhAAIPhgX5LgZG4mUCGE>
- – Público: quem vem? E quando? Domingo há mais migrantes? (verificou-se que aconteceu no sábado). Número de público: +- 150 (sexta); 450 (sábado); 200 (domingo)
- – O terraço do Alentejo e os que existem no Oriente. Que uso e relação entre eles pelas comunidades migrantes?
- – Rever a revista de Odemira sobre interculturalidade (1a edição); e os jornais locais.

12 de novembro – Praça central de São Teotónio

- – Sento-me num dos bancos do Quintalão, a praça central de ST.
- – 13h: Todos os bancos públicos estão ocupados por homens migrantes. A Maior parte está de chinelos e de fato de treino. Têm o telemóvel na mão, alguns com headphones. Outros falam entre si, mas são interrompidos por chamadas. Há trocas de mensagens de voz por WhatsApp (ou outro). Há olhares emocionados vendo os familiares longe através de um pequeno ecrã. Alguns isolam-se para falar. Tudo aproveita o sol ou a sombra.
- – A fonte está a funcionar.
- – Também há dois homens com bebés nos carrinhos. É provável que mulheres estejam a trabalhar.
- – Estão 17 homens e uma mulher.
- – Os postes da praça têm bandeiras feitas de saris, é para o Bowling.
- – É uma praça de plátanos ainda folhados.
- – Gostaria de saber mais sobre como se organizam a sentar na praça: afinidade; casa; nacionalidade...?
- – O telemóvel é uma ferramenta essencial e têm bom material.

12 novembro (sexta-feira) – Opiniões recolhidas sobre o espetáculo

Opiniões recolhidas depois do espetáculo

- – Para xxxx, choque e desconforto com quadros, vídeos, fatos = distanciamento, orientalismo ≠ ao contrário de xxxx que achou serem momentos de contemplação, de partilha de olhares, de se mostrar na sua dignidade e nobreza, não em vestidos de trabalho, como no quotidiano.
 - – Para xxxx, os momentos fortes acontecem quando se dá voz e real ação aos migrantes, como com o Rajendra ou com o Mandeet.
 - – Gostaram da música
 - – Para xxxx havia muita gente, sentiu os obstáculos e sentiu alguma claustrofobia nas ruas apertadas.
 - – Chatice das pessoas a tirar fotos.
 - – Percebem que há aqui um trabalho enorme, uma grande produção e logística.
 - – Adoram danças coletivas, sobretudo a Curry Kingdom.
 - – Apreciaram a atenção que tinham certos iluminadores e a sua noção do espaço.
 - – O texto da Matilde marcou como um convite e um manifesto.
 - – Importância da relação entre espetáculo e arquitetura local + o espaço vivido pelos migrantes (roupa estendida, sapatos à porta; cheiros de comida; vistas de cozinhas...)
 - – Interessante ouvir as várias opiniões.
 - – Noutra conversa, xxxx fala-me do seguinte: aqui no Bowling gosta de verificar que há muita interação, entretajuda, sem ego, que as crianças levam daqui uma experiência, e que a forma de estar e de trabalhar aqui é muito diferente da sua companhia de teatro, cheia de invejas, de ego, de desgosto pelas ideias dos outros, mas que depois aproveitam-se delas...
-

14 de novembro (domingo) – Observação do espetáculo final Preparação

- – Barbara diz a Toto depois deste ter passado pela mão de jovens sikhs que lhe puseram um longo turbante da forma tradicional. “Não podes fumar enquanto estás de turbante, isso seria uma falta de respeito para com a religião deles, ok!?” “Sim, ok”.
- – “*No shoes in this room, God is in the room*”, ouvi alguém dizer. **Meditation centre**
- – Discurso introdutório de MV. Tem um microfone para falar. Sempre eloquente, fluida e inclusiva. “Vai demorar cerca de 3h. Não vejam isto como um espetáculo, é uma viagem.”
- – Círculo em pé para se formar. Silêncio. Sentam-se. A coluna já foi levada por Pedro para que Meet possa falar de forma audível. “*There are two kinds of meditation...focus on one word and repeat it.... inhale, outhale...we are going to do 4 Ohmmms...*”

- – Durante a meditação entra um cão rafeiro branco por um espaço deixado entre duas pessoas. Entra calmamente e curioso por este aparato estanque e silencioso. Vai primeiro ter com Meet, cheira-o, mas este não se mexe nem abre os olhos. O cão olha para Meet, olha à sua volta e vai ter com Catarina no perímetro do círculo em meditação. Catarina também não abre os olhos. Aí o cão senta-se e olha em seu redor. Acaba por ir em linha reta para a ponta oposta do diâmetro, mas sem que haja reação da pessoa escolhida. Finalmente decide sair por onde entrou. A meditação continua, os artistas e uma parte do público estão imersos em meditação que, da concentração pessoal, tem também um efeito unificador do coletivo. Assim o público é levado a entrar progressivamente no ambiente e na mente do próprio percurso intercultural a que é convidado em São Teotónio.
- – Meet abre os olhos e olha para o relógio. Inicia o primeiro dos 4 Ohmmms. É acompanhado por todos. Alguns entram mais tarde. Outros entram num tom diferente. Cruzam-se tempos de entrada no Ohm e criam-se harmonias vocais.
- – Ao longe ouve-se uma cítara. Percebe-se que é do lado da fonte, frente à Igreja.
- **Círculo na fonte**
- Dois círculos. Um formado pelos jovens no pequeno muro da fonte. Outro formado por adultos na base da fonte. Ambos representam danças sincronizadas e baseadas numa mistura de gestos vindos do oriente e do ocidente.
- Ao mesmo tempo que os artistas fazem a sua performance seguindo o sentido dos ponteiros de um relógio e ao som da banda que toda uma música de inspiração indiana (verificar com Júnior), MV convida o público a caminhar em torno da mesma fonte, mas em sentido contrário. De longe parece uma engrenagem humana que se encadeou.
- Os gestos da coreografia são bonitos e delicados, ambos aumentados pelos olhares e a concentração de quem os faz.
- À volta de todo este primeiro aparato coletivo estão lâmpadas de halogénio montadas em canas espetadas em baldes de areia. Há cerca de 8 fontes de luz independentes.
- Do lado esquerdo da performance coreográfica está a banda com os seus 6 músicos, indo da cítara ao nível do chão, à enorme marimba e à bateria em ritmos compostos. Por detrás está a igreja tipicamente portuguesa e alentejana, de contornos azuis.

Performance no terraço

- – Desencadear dos círculos coreográficos. O público é guiado em direção à rua frente à Igreja, descendo muito lentamente até estarem todos bem posicionados para observar as duas performers colocadas no cimo de um pequeno prédio de dois andares, daqueles com terraço. É sobre esse telhado horizontal que duas performers dançam lentamente, são seres alados vestidos de casacos compridos, que se cruzam e se agarram frente a um céu estrelado. Um delas tem o cabelo comprido, outra tem o cabelo curto, mas ao longe não se percebe o seu género.
- – A banda continua durante a performance das bailarinas. As bailarinas dançam melhor hoje. Mais espaço entre elas e mais coordenação.
- – A banda faz *fade out*. Inicia-se um canto lançado pelo tocador de cítara, Mark, e continuado por Júnior. Todos os performers da fonte estão com o público e respondem vocalmente aos chamamentos de Júnior.

- – As duas bailarinas terminam com um abraço e é nessa posição que nos acompanham do olhar enquanto o público passa em frente à Junta e desce a rua, afunilando pelas estreitas ruas de São Teotónio.
- – Ao cimo, frente à Junta, as duas performers fazem gestos muito lentos, tal como o nosso caminhar coletivo.
- – O *canon* entre Junior e os artistas está a ser gravado por um migrante que o reouve enquanto passo frente à sua casa. A rua estreita estica o público e desacelera os seus passos. A rua fica ainda mais estreita porque alguém deixou um estendal de roupa, daqueles simples, que se dobram, frente à sua casa. Dois passos à frente, do lado direito, há uma janela de madeira que nos permite ver uma cozinha com equipamentos velhos e gastos. Um migrante está a cozinhar de *sari* à volta da cintura e saúda alguns colegas também migrantes que fazem sinal batendo no vidro.

Curry Kingdom

– No final da rua o funil abre e o público espalha-se. Do lado esquerdo vemos um palco, e por detrás dele já estão posicionados os corpos que tínhamos visto na fonte mais acima. Formam um círculo apertado. Estão de costas, virados para dentro do círculo. Os braços estão esticados por cima dos ombros e das cinturas uns dos outros. De repente, o grupo levanta as cabeças que se viram para nós e emitem coletivamente um som de surpresa ou curiosidade. Voltam a recentrar-se e ouvem-se mexericos.

– A banda que já está no palco e tem tudo montado, ligado e a soar, começa a tocar.

O grupo de performers dispersou-se organizadamente e virou-se de frente para a banda, tendo público na frente e nas laterais. Deixam passar alguns compassos e depois de uma contagem de 4 tempos entram numa coreografia inspirada de danças de mulheres nepalesas e de gestos quotidianos contemporâneos.

Do lado direito, por detrás do público que está de pé, alguns jovens migrantes subiram o muro e aí se sentaram para ver melhor.

Progressivamente, enquanto a banda toca e o grupo repete a coreografia sem parar, o público contorna os performers e dirige-se ao fundo deste parking de automóveis vazio, para chegar até às mesas de comida oriental. Duas senhoras explicam em inglês, com tradução em português, a comida que vão propor. Uma vem do norte da Índia e outra do Sul. São culturas muito diferentes dentro um mesmo país. Come-se caril e *darsis* (?).

O público vai entrando no mantra musical e coreográfico, batendo palmas a tempo.

Na banda: solos do Remi com sax soprano, Vitória (acordéon), Pedro (guitarra), Mark (citara), Júnior (baixo)

A coreografia é iluminada por Giacomo e Daniel. Transportam bateria numa bolsa ao ombro, seguram uma cana na qual foi montado um sistema de 3 halogénios. Assim caminham e se adaptam a cada performance.

As crianças estão à frente do público adulto para verem bem. Estão atentas. Algumas de mão ao peito.

Onde estou agora, atrás do palco e do público, para ver melhor a cena toda, também passam carros que querem subir a rua frente ao parking.

Progressivamente o grande público vai percebendo que se pode dirigir para trás da coreografia e juntar-se ao *oriental food-tasting*. Vejo caras de surpresa e de felicidade.

No palco, ao lado do percussionista Marcio, está Bipasha a dançar discretamente e com grande sorriso. Tem um casaco preto que parece ser bem quente.

Bastante gente usa o telemóvel para filmar o que se passa. Até onde irão as imagens recolhidas? De São Teotónio para o Bangladesh, a Índia ou o Nepal, basta um *send* em direto!

Há também algumas famílias de migrantes que trazem crianças e bebés ao colo ou de carrinho.

O público tem bastantes estrangeiros que devem viver no Sudoeste. Parece ter poucos portugueses de São Teotónio. Remete em causa a inclusão que necessita dos dois lados?

Depois de muitas repetições do esquema coreográfico, enquanto o público provava as ofertas do oriente, a banda termina a música e a multidão reorganiza-se para subir outra rua estreita. Os guias são os portadores de luzes. Iluminam as ruas e revelam o sentido da marcha. MV ajuda a guiar enquanto 2 performers bloqueiam a subida por outra rua. Fica gente atrás e ainda a comer.

Confrontation balcony – Presidente Rajendra

- – Público distribuído
- – Luzes enquadram Rajendra e seus 4 acólitos no balcão do primeiro andar.
- – Ao lado estão duas grandes janelas iluminadas por dentro. Uma tem 3 jovens mulheres e outra tem um senhor com uma mulher, todos migrantes. Parecem ser os munícipes do Presidente Rajendra.
- – Rajendra discursa. Com intensidade e nobreza. Momento forte. Começa por querer incluir o público incitando-o a recentrar-se. Faz gestos de reagrupamento com o antebraço esquerdo e depois com o direito.
- – Discurso incisivo em hindi, no qual apenas se percebem as palavras “portuguese” e “imigrante”. Os seus olhos arregalam-se, há dinâmicas na vós, a sua fisicalidade gira por todo o público.
- – Ao lado, no rés do chão do prédio, está escrito: “Sempre por São Teotónio”, é a sede do PS, tão sugestivo...
- – Rajendra parece o novo candidato a presidente, com o seu programa, ou então um representante de uma oposição mais congregadora e inclusiva face à multiculturalidade local.
- – O discurso termina com aplausos efusivos e gritos.

Family victories – Quadros de meninas às portas

- – Iluminação feita pelos portadores. Servem para iluminar e para proteger as meninas que se encontram enquadradas nas velhas portas do R/C de um dos edifícios.

- – As pessoas passam lentamente e olham para a esquerda, para estes pequenos conjuntos de jovens meninas migrantes, cada uma vestida de um traje tradicional, maquilhadas e penteadas com tranças complexas.
- – Alguns tiram fotografias.
- – Sobre esta passagem, há opiniões opostas: é apenas uma reprodução do afastamento do outro, uma cenarização que nos distancia o migrante; ou é a oportunidade de olhar para as migrantes e de ser visto por elas, é a oportunidade de as ver muito produzidas, orgulhosas e com um sentido de nobreza; será também uma oportunidade de observar e admirar os migrantes sem estarem vestidos para as estufas ou de fato de treino? Uma oportunidade para as ver sorrir!
- – Seguimos caminho, chegamos a um cruzamento e somos dirigidos a uma pequena rua que sobe ligeiramente – a Rua de Trás. Aí passamos pelo Neet's, restaurante de comida Indiana, que tem o exaustor virado para a rua, emitindo um cheiro forte a óleo e a especiarias.

Bipasha

– Somos posicionados a meio da rua, onde ela se alarga um pouco, frente a uma varanda de primeiro andar onde estão posicionados 3 músicos. 1 cantora, 1 acordeonista e 1 tocador de adufe. As canas de luz cumprem a sua função, iluminando Bipasha, mulher Indiana que canta uma música tradicional de (????)

– Frente aos músicos há roupa estendida nos fios, dos quais um lençol com *patterns* laranja e amarelo.

– As pessoas acompanham com palmas.

– O público enche a rua toda na sua largura. Algumas pessoas encostam-se a portas de casas que acabam por se abrir. Há trocas de olhares, pedidos de desculpa e sorrisos.

– Bipasha está nervosa, Júnior ajuda com olhares e até acompanha no canto.

– Do lado direito há uma pequena janela que dá para a cozinha do mesmo andar.

Surge uma cabeça curiosa e sorridente face a tanto público. Deve ser de um dos moradores desta casa emprestada para a performance.

Seguimos as luzes da procissão.

Hospitality – Monstros e Deuses

- – Mais acima chegamos a uma praça, na qual está desenhada a giz uma mandala circular.
- – Luzes e sombras de corpos nas fachadas. Há ninhos de andorinhas em toda a fachada. O Alentejo que já foi Mouro, tb é Oriental.
- – Por detrás da zona da performance há um sinal que diz “Cemitério”. É uma rua com um sinal azul de sentido único.
- – Há um bebé que chora bastante.
- – Matilde vai. Há muitas “arcadas” das 2 bailarinas.

- – Cães ladram.
- – Deuses e monstros (reler texto!)
- – Cães uivam agora.
- – Mulher aparece de robe na varanda do primeiro andar que dá para a praça.
- – Lua forte lá em cima, em quarto crescente.
- – “Quando cavam o presente vão achar-me em todo o lado”, diz Matilde.
- – São citados vários nomes dos que participam = “o objeto da ameaça”.
- – Tudo o que os monstros fazem: whatsapp, intermarché, estudam matemática = *everyday common life* (reler Paul Willis).
- – Dinâmicas da performance.
- – Palmas, gritos.
- – Os iluminadores abrem caminho no meio do público, a Matilde e as bailarinas seguem...
- – O centro do círculo, onde está pintado uma mandala, é desta vez preenchido por dois jogadores de badminton, muito apreciado no Nepal. Há um lado insólito, a pena salta de uma baqueta a outra, dos Deus ao Monstro, ganhando uma certa gravidade suspendida a meio do percurso. O público que fica a observar acompanha com a voz o ritmo do jogo, das baquetadas e da pena que cai no chão: éééé, yehhhhh, oooooh!
- – Um senhor propõe-se como jogador e joga.
- – Marta Coutinho aconselha o grupo a avançar calmamente em direção ao próximo quadro. Lentamente! Está muita gente e assim evitam-se entupimentos.
- – Continuamos o percurso, Laxmi ilumina a janela com plantas suculentas. Fá-lo com uma pose, uma concentração leve e uma dignidade atenta.
- – Na Travessa 1º de Maio passamos pela “Florista Pétala”. Por cima da florista há outra tabuleta que aponta para a direita e tem desenhado um porco preto – Charcutaria, Talho. A florista tem o toldo azul, o do talho é vermelho.

Imagens projetadas

- – Chegamos a outro cruzamento, mais pequeno, no qual o espaço de uma casa destruída serve para 4 pessoas projetarem imagens nas paredes do que resta. São imagens de migrantes da zona sudoeste: jovens; pais; homens sikhs, há bandeiras do Nepal, há trajes tradicionais. As imagens projetadas movem-se muito lentamente. Fotografias que respiram. Podemos assim ver as lentas movimentações de mão e olhares durante as sessões fotográficas. Uma vez mais, há uma dignidade, uma calma e nobreza bem presentes nestas imagens.
- – A postura das quatro pessoas que têm o projetor nas mãos, também parece ter sido pensada: em posturas de yoga, de samurai, ou até de Deus Hindu... não se movem, a projeção é segura. Uma das projecionistas, que nos revelava a imagem de uma criança nepalesa de cara bem redonda, gira para a direita fazendo viajar este rosto até uma parede mais distante e acima do nosso nível. O jovem fica com uma cara bem grande, dominando de cima todo este público.
- – Há várias interpretações do público. Uma delas diz que aqui também se está a essencializar o “outro”, o estrangeiro oriental. Estão postos à distância.
- – Uma das imagens contem seis homens sikhs e por cima dessa projeção, num terraço ao primeiro andar, estão presentes os mesmos sikhs da fotografia que respira. A possível distância que alguns interpretaram, é quebrada por esta presença ativa que nos olha e nos remete para o local, para o presente.

- – Numa das imagens projetadas vemos uma família: um homem, a sua esposa, e duas crianças. Estão bem próximos. A *slow-motion* permite ver a movimentação lateral da face sorridente da esposa na direção do marido que se encontra atrás dela. Ele tem a mão esquerda pousada no ombro da esposa. Os seus olhares cruzam-se. Em câmara lenta, os quatro riem desta situação de cumplicidade.
- – Olhares fortes das mães para os filhos.
- – Nobreza, dignidade, cultura, poupas, olhares milenares nas paredes de São Teotónio...

Mulheres e meninas

- – Chegamos e estão de frente para nós. 12 mulheres e jovens adolescentes.
- – Movem-se na nossa direção descendo dois vãos de escada e voltam para trás até ao seu lugar de partida. Estão no alpendre de uma Retrosaria chamada “A vencedora”, um nome forte e altamente simbólico para estas mulheres que estão no seu vai e vem confiante e apaziguado.
- – Daqui somos levados para a esquerda, subimos a rua passando pelo minimercado chamado Faruk Mia, cheio de luzes cintilantes e de sacos de carvão na vitrine.

Música na palmeira

- – Continuando pela rua, chegamos a um largo com uma pequena palmeira ao centro, em plena calçada, frente à ourivesaria, que também é perfumaria, e se chama “Central”.
- – Cria-se um novo círculo.
- – Voz de Valéria guia a música com sotaque brasileiro.
- – Estamos num momento de alguma calma e até de melancolia. Mas passados algumas repetições do refrão, a banda sobe de *tempo* e Júnior lança ritmo afro-brasileiro no seu tambor portátil. Todo o seu corpo vira afro-brasuka: espeta o rabo, o queixo vai para a frente e os olhos arregalados procuram cruzar-se com todos nós. Há sorrisos, baquetas no ar e chamamentos de partida. Os iluminadores seguem Júnior. Somos convidados a segui-los, subimos a rua por mais um desfiladeiro estreito.
- – Cruzamos pessoas que estão nos seus terraços a observar a multidão. Ouve-se um senhor lá em cima a dizer a uma mulher cá em baixo: “Olá, queres que venha aí abrir o portão?”, “Não, obrigado”, responde ela a sorrir de cabeça para cima e de mãos no casaco.
- – Do lado esquerdo surge uma performer em cima de um muro de taipa desfeito. Abraça-se à fenda, o seu cabelo branco contrasta com a noite e os líquenes esverdeados. O casaco comprido baloiça.
- – Avançando por este caminho que escurece, vejo passar uma longa estrela cadente no sentido exato da caminhada que devemos fazer para chegar ao próximo quadro de performance artística. Verdade!
- – Noto que um grande grupo de migrantes fica sempre na cauda do público, como se preferissem dar passagem aos outros, ou como se não se sentissem legítimos (?)
- – Avançamos seguindo o *momentum* deste público esticado. De novo do lado esquerdo, surge uma fila de homens sikh, virados para nós. Estão muito bem vestidos de fato ocidental, com turbante e barbas penteadas. São 5 homens. Em

gestos lentos uma bailarina de pele muito branca e de cabelo alourado passa do lado esquerdo para o lado direito, contorcendo-se, girando sobre si própria beneficiando do apoio de cada homem sikh, cada um à vez até chegar à outra ponta da travessia.

Dança da fonte

- – Dança de Inês
- – Fonte = JF – 1961
- – A nespereira está bem viva
- – Músicos com união entre instrumento tradicional de Mark e eletrónica de Márcio. Pavel canta com uma criança ao lado...
- – Sobe energia e público reage.
- – Júnior puxa e lidera.
- – As luzes seguem a Inês. Palmas a tempo.

- – Palmas efusivas no final!
- – Os artistas vão saindo da fonte e as crianças presentes vão apropriando-se dela.
- – Continuamos a caminhada, avista-se um monte com arvores. Na base há um *playground* para crianças.
- – As duas bailarinas que fizeram performances antes neste caminho (uma sobre o muro em taipa, outra com o apoio dos sikhs), são convidadas pelos homens sikhs para tirar fotografias de grupo. Há poses e flaches, há flirt e trocas de olhares.

Pinhal

- – Lenta subida, fila para subir escadas, alguns aproveitam para fumar junto ao parque de jogo das crianças. Há crianças a aproveitar os baloiços. Choro de crianças que tropeçam ao subir as escadas. MV atenta, pergunta se querem ajuda, “No, they want to keep playing in the park”.
- – Vozes da incompreensão. Chamamento ao longe.
- – Em cima, no final das escadas de madeira, vemos um pequeno pinhal iluminado. Há mesas de betão para piqueniques e a banda está posicionada ao fundo e ao meio.
- – Os pinheiros estão iluminados por baixo. Cria mistério e intimidade.
- – Há rapazes em cima das mesas a gritar palavras estrangeiras e a fazer gestos de chamamento convidativo. As pessoas aproximam-se e há sorrisos face à estranheza da língua que se ouve. Também há risos nervosos face à incompreensão que parece criar desconforto.
- – Em cima das mesas há 4 crianças, de várias culturas. Um deles é chinês. Está vestido de preto, com dragões nas mangas da camisa com botões de enlace e a imitar a ceda pura. Iluminado pelos iluminadores de baixo para cima, torna-se grande e parece saber gostar de estar nos projetores artesanais. Aproveita as sombras, olha nos olhos do público, faz tudo com calma e parece gostar de mostrar a complexidade do seu idioma, tanto na escrita como na fonética. Os seis membros do público sentado à mesa têm à disposição pequenos quadros e giz. Enquanto o jovem formador mostra como se escreve “China e segredo”, todos tentam reproduzir nos seus quadros, seguindo a ordem de cada traço que

compõe os dois caracteres chineses. Segue-se o momento da pronúncia. Há risos do público, repetições e validações por parte de Daniel com o polegar no ar.

- – Para sinalizar o final deste quadro performativo o Daniel usa um chocalho. São arrumados os quadros e o giz.
- – Nas mesmas mesas sobem personagens que projetam vídeos no tampo das mesmas. São imagens de cidades e campos no oriente de onde poderiam vir os migrantes. São imagens bonitas, a preto e branco, com uma montagem trabalhada.
- – Passa uma senhora que parece estar irritada e que desabafa bem alto: “Mas que seca do cacete!”. Será sobre o espetáculo? Também parece ter dificuldade em encontrar a melhor posição para ver as performances. Ao lado estão duas colegas da senhora que se queixam da luz dos projetores artesanais nos olhos.
- – MV vem guiar e posicionar os iluminadores para o próximo quadro performático, no qual 3 performers vêm revelar a sua coreografia individual, inspirada na incompreensão. O público concentra-se na dança que é acompanhada pela banda ao vivo. Cada performer tem a sua linguagem. Uma delas dobra os joelhos para poder confrontar o seu público, olhos nos olhos. Volta a subir de pé e a descer aos olhares intensos na outra ponta da mesa de betão. Há crianças à volta da mesa. Duas delas olham para cima de boca aberta. Voltam-se para trás a sorrir e comentam o que veem.

– Terminam as danças com um *fade out* musical e com palmas. As 3 bailarinas desaparecem no cimo do pinhal.

Anfiteatro para concerto

- – O público dirige-se à parte superior do pinhal onde se encontra um pequeno anfiteatro. As pessoas comentam o que viram e o que não viram.
- – Os músicos instalam-se. Atrás deles, os troncos dos pinheiros estão iluminados. Por cima do anfiteatro, graças à fraca poluição luminosa, vê-se o céu preto e muito estrelado. O público senta-se, organizando-se por afinidades.
- – Começa o concerto, com arranjos musicais exigentes harmónica e ritmicamente. Passados alguns compassos, iniciam um *soft-reggae* consistente. Há um crescendo ni *groove*, no qual intervêm dois cantores orientais, sentados no meio do público – Rajendra e Mandeep. O público reage a esta intervenção premeditada. Há sorrisos, palmas e até gritos dos colegas migrantes!
- – A dinâmica musical desce acolhendo Mandeep que entoia melodias indianas de uma leveza e beleza que nos transporta para um continente longínquo. A melodia sobe, a banda desenvolve a dinâmica e uma vez mais o público reage instantaneamente com gritos e assobios de prazer. Há aplausos e efusão. A banda puxa ao máximo este momento alto de tensão positiva, segurando o *groove* e complexificando os *breaks* na bateria. Fortes aplausos finais.
- – Termina o concerto com saudações do público aos músicos e aos cantores. Há abraços, apertos de mão e palmas nos ombros.
- – Novamente, são os iluminadores que nos indicam o caminho a seguir pelo pinhal, até atingir o próximo local de performance. Fica uma senhora para trás, sozinha a olhar para o céu e diz: “Tão bonito o luar, é incrível, é mesmo incrível”. Parece-me ter mais de 60 anos, e pertencer à comunidade hippie que vive no sudoeste, vinda da Alemanha ou da Holanda.

- – Júnior, o leader da banda fala com sotaque brasileiro: “Vamo embora irmão? Cadê o carrinho!? Vamo tê di levá ás coisa à mão?”, “Não, a carrinha tá aí a chegar”, responde um dos músicos. “Ah, então tá ok!”, diz Júnior.
- – Sigo o caminho do público junto com os migrantes que preferem ir no final do cortejo. Aproveito e gravo as conversas entre eles que me remetem para a sua cultura. Este pinhal escuro mais a rápida troca de galhardetes numa língua oriental fazem com que este trecho possa estar a acontecer na Índia, no Bangladesh ou no Nepal. A viagem da incompreensão continua e estou cada vez mais confortável nela.

Medronho

- – Chegando no cimo do monte no final do pinhal, somos confrontados com um sobreiro no qual estão cerca de 10 adolescentes, meninas orientais, filhas de migrantes que vivem no Sudoeste e estudam em escolas locais. Estão vestidas de roupas tradicionais das suas culturas. Cercam a arvore imponente e algumas estão sentadas nos seus ramos. Estão em silencio e olham para o público enquanto são observadas. Algumas pessoas param e ficam a observar durante mais tempo. Os telemóveis são usados para tirar fotografias.
- – Ao lado, a 5 metros, acontecem projeções de mãos num grande alguidar de barro cheio de água.
- – Há uma velha casa do medronho, construído em taipa, à volta da qual somos convidados a caminhar para ver projeções de imagens, para ver duas adolescentes migrantes vestidas de branco, deitadas numa mesa tornada confortável como belas adormecidas.
- – Projeções por cima das belas adormecidas.
- – Dentro da casa do medronho também se passam coisas. Música eletrónica a tocar e a ser gerida por Márcio. 6 homens sikhs a revelarem como se preparam e põem os turbantes uns nos outros. Tecido comprido, atenção ao detalhe, revela-se uma coreografia do quotidiano cultural destes homens. Há um pequeno objeto que serve para alisar as dobras no turbante, usado nos toques finais. Há ritual e nobreza nestes gestos. Revela-se também a coqueteria destes homens, gostam de estar belos e ajeitados, no seu orgulho querem ser vistos.
- – Saindo da casa, em simultâneo aos outros quadros performáticos, acontece uma dança entre duas bailarinas de pés bem assentes no chão de caruma. São acompanhadas por dois músicos, um guitarrista e um saxofonista. Usam os troncos dos pinheiros, ligam-se ao som, à terra, ao céu.
- – Converso com o Manpreet que se demonstra interessado pelo meu trabalho e que vai querer ler os resultados.
- – Depois, no mesmo espaço das duas bailarinas, começa uma dança coletiva entre uma dezena de mulheres e adolescentes. Junta gestos de culturas milenares a linguagem contemporânea. Sente-se a celebração feminina. O círculo gira no sentido dos ponteiros de um relógio. E também de desfaz, com gritos de êxtase ritualística. Os iluminadores com os seus halogénios nas pontas de canas e uma bateria ao ombro, continuam a dar luz às performances que vão surgindo. É uma função exigente, que acaba por criar a sua própria coreografia espontânea, adaptando-se sempre ao que é feito pelas bailarinas.
- – Há palmas e seguimos os iluminadores que se dirigem para um enorme campo aberto. Ao fundo vemos o que parece ser um palco e é para lá que nos dirigimos. Ainda há música na casa do medronho. As belas adormecidas têm

acompanhantes que parecem “guarda costas”, que as acompanham e as cobrem de casacos quentes.

Momento final

- – Estou a ficar cansado de escrever, mas sinto que chegamos à última etapa desta travessia *glocal*.
- – Lembrar chegada do público neste local.
- – Lembrar da instalação dos artistas e do público.
- – Tb há cães a acompanhar o espetáculo.
- – Lembrar das secções das performances, das danças, coreografias...
- – Lembrar do final. Os gritos de felicidade, as palmas, a dinâmica, *all in*, os agradecimentos. MV + Júnior.
- – Abraço aos pulos do grupo nepalês.
- – Pessoas vão falar com MV...há fotos. Fotos dos homens com Madalena de turbante.
- – Muitos vão ter com os músicos. Há abraços.
- – Formam-se pequenos grupos por afinidades.
- – Começa pós-produção. Distribuição de tarefas, arrumação, guarda-roupa, técnica, logística de transportes para casa...MV já está com as mão para a frente, a máquina parece nunca parar...
- – Mais tarde, já na sala da J.F. de São Teotónio, assisto a muitos choros coletivos, a abraços intermináveis e ombros tremidos. Muito olho vermelho. Adriana passa de um colo ao outro, sempre a chorar. Elka também não resiste. Alguém disse: “Agora que isto ficou mesmo bom, tem de acabar!?”. Penso que este tipo de momentos íntimos, de sorrisos banhados em lágrimas, de desabafos, de olhares fortes e de longos abraços entre muitos dos membros que fizeram parte desta aventura Bowling, é algo de impossível de ser comunicado ou valorizado nos relatórios de avaliação que são feitos a este tipo de projetos. Os impactos pessoais e sociais destes projectos culturais são subtis e complexos.